

Estudantes estrangeiros em instituição de ensino superior militar: trajetórias acadêmicas iniciais

Guimarães Honorato, Hercules

Escola Superior de Guerra, Rio de Janeiro, Brasil
hghhmma@gmail.com

Resumo

Esta investigação versa sobre a imigração temporária de jovens estrangeiros que vêm estudar no Brasil e em instituições de ensino superior militar, no caso em questão na Escola Naval (EN), organização de formação dos oficiais da Marinha brasileira. A metodologia é de cunho qualitativa, continuada e com caminhar longitudinal, com pesquisa inicial documental e exploratória, tendo como um dos instrumentos de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e fechadas aos sujeitos do estudo, oito jovens com média de idade de 22 anos de países da África (Namíbia, Nigéria e Senegal) e Ásia (Líbano) da turma de 2013. Esses jovens passam por um processo seletivo em seus países de origem e, antes de ingressarem oficialmente no ensino regular da EN, realizam o “Estágio de Qualificação para Adaptação Acadêmica de Alunos Estrangeiros”, iniciando sua trajetória acadêmica. Foram realizadas também entrevista semiestruturada com a professora de matemática e a leitura do relatório de acompanhamento da docente de português. O estágio consiste num período em que se busca o aprendizado de Língua Portuguesa e o nivelamento básico em Matemática e Física, de acordo com os pré-requisitos exigidos para ingresso na Instituição. O escopo deste estudo também é traçar o perfil dos alunos que, no ano de 2013, estão cursando o referido Estágio, ressaltando suas principais características, os obstáculos encontrados nesse primeiro momento e suas expectativas para o futuro. Nas respostas ao questionário, podemos pinçar as seguintes angústias iniciais: que a disciplina de português causa maior apreensão; e medo de repetirem, de falharem. Estágio em si é uma forma de bem receber os alunos estrangeiros, integrando-os e adaptando-os, em especial, à cultura brasileira. É importante reconhecer e valorizar a diversidade cultural e linguística destes alunos, respeitando a diferença, a identidade étnica, o sistema de crenças e valores ao qual pertencem.

Abstract

This investigation focuses on the temporary immigration of young foreigners coming to study in Brazil, at military higher education institutions, in this case specifically at the Naval Academy (aka EN), the organization that graduates Brazilian Navy officers. The methodology is qualitative in its nature, continuous, and progressing crosswise, including an initial documental and exploratory research, using –as one of the data gathering instruments – a questionnaire with both open and close-ended questions posed to the subjects under study, eight youngsters, their average age being 22 years, from countries in Africa (Namibia, Nigeria, and Senegal) and Asia (Lebanon) in the class of 2013. These youngsters had been through a selection process in their respective countries of origin and, before officially joining the EN regular course, they first took the “Qualification Internship for Academic Integration of Foreign Students”. There were also semi-structured interviews with the math teacher and the follow-through report was read by the Portuguese language teacher. The internship comprises a period focused on learning the Portuguese language and basic catching up in Math and Physics, pursuant to the prerequisites for admission to the Institution. The scope of this study includes drawing a profile of the students that, in 2013, are taking the aforementioned Internship, highlighting their key features, the hurdles faced in this first stage, and their expectations for the future. From the answers to the questionnaire, it was possible to detect the following initial afflictions: that learning the Portuguese language causes major apprehension; and the fear of repetition or failure. The internship in itself is a good way to onboard foreign students, integrating them, and getting them adapted, particularly to Brazilian culture. It is important to acknowledge and value these students’ cultural and idiomatic diversity, respecting differences, their ethnical identity, and their systems of values and beliefs.

Palavras-chave: Ensino superior, Escola Naval, Estudantes estrangeiros, Trajetórias acadêmicas iniciais.

Keywords: Higher Education, Naval Academy, Foreign students, Early academic trajectories.



INTRODUÇÃO

Na relação entre mundo globalizado e juventude, nos deparamos com o que Gusmão (2007 como citado por Faria, 2009, p.61) chama de “trajetória nômade estudantil”, isto é, com o rompimento das barreiras físicas, geográficas e culturais pelos alunos, os quais procuram em universidades estrangeiras o espaço que acreditam ser ímpar para seu futuro, uma possibilidade de melhoria da sua condição social e de vida familiar.

Procurou-se focar esta pesquisa em jovens imigrantes provisórios e estudantes que deixam seus países de origem e realizam sua formação superior em uma Instituição de Ensino Superior (IES) militar – no nosso caso a Escola Naval (EN), organização de formação dos oficiais da Marinha brasileira. Este trabalho, portanto, visa compreender como eles experimentam, na (con)vivência diária, as dificuldades de adaptação à cultura local, à barreira linguística e à vida acadêmica e militar, de modo que se torne possível identificar aspectos tanto positivos quanto negativos nos seus percursos e trajetórias iniciais.

Este estudo é de cunho qualitativo, continuada e com caminhar longitudinal, com pesquisa documental exploratória, sendo os sujeitos deste estudo jovens que estavam realizando o “Estágio de Qualificação para Adaptação Acadêmica de Alunos Estrangeiros”, em 2013. Os seguintes instrumentos de coleta foram utilizados: entrevista com a docente de Matemática; relatório de acompanhamento de Língua Portuguesa; e um questionário elaborado pelo Serviço de Orientação Educacional e Pedagógica (SOEP) que trata do perfil social, psicológico e acadêmico e outro questionário aplicado no início do referido estágio.

Inicialmente apresentaremos os principais conceitos associados à imigração estudantil, em especial, a temporária, à legislação e o acordo bilateral no ambiente da Marinha do Brasil, além da relação dos jovens estrangeiros e a moldagem da sua identidade, como “sujeitos presentes na terra do outro” (Gusmão, 2010, p. 283). Posteriormente, foram analisados os instrumentos de coleta, que culminaram nas conclusões.

1. IMIGRAÇÃO E IDENTIDADE: ALGUNS CONCEITOS IMPORTANTES

Como exposto por Subuhana (2005, p.13), retomando Sayad (1998), a imigração consiste no deslocamento de populações por todas as formas de espaço socialmente constituídos e qualificados, sendo um “fato social completo”. Durham (1978 como citado por Mungoi, 2006, p.13) argumenta que nenhuma imigração “deve ser compreendida como um deslocamento meramente geográfico, visto que as migrações representam uma movimentação no universo social”. O caráter do deslocamento transnacional, no caso em estudo, é encarado como uma contribuição para o desenvolvimento dos seus países, e o diploma superior, principalmente se obtido no exterior, “é para muitos jovens símbolo de distinção e de possibilidade de ascensão social” (Mungoi, 2006, p.13).

No caso investigado, pode-se asseverar que a imigração ocorre de forma provocada e temporária, envolvendo quase sempre acordos de cooperação entre Estados soberanos de origem e de destino, ou mesmo entre instituições de ensino superior, não podendo, portanto, ser enquadrada basicamente como uma mera relação econômica ou política.

Subuhana (2005) nos lembra que nenhuma identidade é tão rígida, sólida e cristalizada que não possa ser questionada. A cultura do país escolhido irá causar impactos importantes na identidade de um imigrante. Seus valores, suas características, suas crenças serão constantemente chocadas pelo capital cultural estrangeiro. A partir desse confronto, ele poderá escolher adotar ou repudiar um hábito cultural ao qual foi exposto, e essa escolha inferirá marcas em sua identidade.

2. O PROGRAMA DE ESTUDANTES-CONVÊNIO DE GRADUAÇÃO

Desenvolvido pelos Ministérios das Relações Exteriores (MRE) e da Educação (MEC), em parceria com universidades públicas – federais e estaduais – e particulares, o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) seleciona estrangeiros, na faixa etária entre 18 e 25 anos, com ensino médio com-

pleto, para realizar estudos de graduação no país. Ele teve seu impulso a partir da década de 1990 com a criação da Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP) (Gusmão, 2010).

O Decreto nº 7.948, de 12 de março de 2013, que dispõe sobre o PEC-G, logo em seu art. 1º evidencia a sua destinação à formação e à qualificação de estudantes estrangeiros por meio de oferta de vagas gratuitas em cursos de graduação em IES brasileiras, independentemente se públicas ou privadas. O parágrafo único deste artigo expõe que a cooperação internacional no campo educacional destina-se a países em desenvolvimento e que, ao final do curso de graduação, obtendo o diploma, o estudante deve retornar obrigatoriamente para o seu país de origem.

Como pode ser verificado no sítio do programa na internet¹, os africanos estão com mais de 80% das matrículas nas IES nacionais. Atualmente, são 59 os países participantes, sendo 25 da África, 25 das Américas, 9 (nove) da Ásia. São disponibilizados cursos nas mais diversas áreas, sendo os de Administração, Ciências Biológicas, Comunicação Social, Letras e Pedagogia os mais procurados. Desde 2000 foram mais de 9000 selecionados, entre as nações africanas participantes, destacam-se Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola.

Requisitos previstos para matrícula: o candidato tem que ser aprovado no teste de proficiência em língua portuguesa para estrangeiros²; ter concluído o ensino médio em seus países; ter o visto temporário de estudante habilitado; e ter condições financeiras de subsistência no país. Os alunos estrangeiros que por ventura sejam reprovados no teste de proficiência, realizado também no Brasil quando na impossibilidade de fazê-lo em seu país de origem, são desligados do Programa e deverão obrigatoriamente retornarem aos seus países.

3. O APOIO TÉCNICO NO ÂMBITO DA DEFESA: COMANDO DA MARINHA DO BRASIL

Os cursos no âmbito do Comando da Marinha estão previstos no Programa Anual de Cursos de Curta Duração para Aquaviários Estrangeiros e são realizados em centros de instrução nas cidades do Rio de Janeiro e Belém. Tais cursos são destinados ao Órgão da Administração Governamental responsável pela formação de pessoal da Marinha Mercante nos países membros da Organização Marítima Internacional, com os quais o Brasil mantém acordos culturais.

Os cursos de maior duração, incluindo-se o de formação de oficiais na Escola Naval, são acordados entre o governo brasileiro e os Adidos de Defesa estrangeiros dos países que têm representação no Brasil e com os quais nosso país possui estreita relação de cooperação. As vagas de interesse de suas respectivas Marinhas, cuja análise deve ser submetida à Marinha do Brasil, deverão ser solicitadas até 15 de julho do ano que antecede ao da realização dos cursos em questão.

Deve-se destacar que a seleção dos estrangeiros que virão realizar os diversos cursos no Brasil é de responsabilidade dos países de origem, o que, a nosso ver, por vezes acarreta a escolha de um aluno sem uma base propedêutica mínima para o acompanhamento dos cursos.

4. PERCURSOS E TRAJETÓRIAS: O OLHAR NA FORMAÇÃO

Para fins metodológicos, consideramos, neste estudo, os dados obtidos sobre os alunos da EN que cursavam, em 2013, o Estágio de Qualificação para Adaptação Acadêmica de Alunos Estrangeiros (EQAAAE), que também é conhecido como de “Nivelamento”. Ele foi instituído pela Portaria interna nº 10 (Escola Naval [EN], 2010), de 24 de fevereiro de 2010, em virtude das repetências constatadas e do cancelamento das matrículas. É preciso destacar que a maior parte desses alunos não tinha domínio prévio da língua portuguesa. Outro problema verificado foi que os jovens, apesar de estarem dentro da faixa etária solicitada para matrícula na EN, cerca de 20 anos, não vieram do seu país de origem com uma base propedêutica do ensino médio.

¹ Recuperado de www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php.

² Certificação de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras) - exame desenvolvido e outorgado pelo MEC, aplicado no Brasil e em outros países com o apoio do MRE. Recuperado de <http://www.celpebras.inep.gov.br>.



No decorrer da sua formação como Oficial da Marinha, pode-se verificar com dados fornecidos pela Secretaria Escolar da EN que, dos 87 alunos estrangeiros matriculados de 1956, quando se deu o início do intercâmbio, até 2012, 26 não alcançaram o objetivo colimado tanto por seus países quanto por eles mesmos de concluírem o curso de graduação, ou seja, 30% do número total.

O EQAAAE, segundo a Portaria que o implementa (EN, 2010), destina-se à capacitação de alunos estrangeiros selecionados pelas nações amigas e visa desenvolver-lhes os conhecimentos básicos necessários para acesso ao curso de graduação da EN. Ele consiste basicamente no incremento de um conjunto de aulas de nivelamento destinadas ao trabalho de conteúdos, habilidades e competências considerados pré-requisitos para o acompanhamento das disciplinas do currículo, de modo que se viabilize a compreensão, a fala e a escrita da língua portuguesa, bem como se supram possíveis lacunas de formação acadêmica desses candidatos a Aspirantes³ em matemática e física.

As atividades escolares são desenvolvidas ao longo de um ano letivo, que é composto por trinta semanas de aulas, divididas em dois semestres letivos. Os alunos em questão, para fins de administração acadêmica e militar, são denominados “Estagiários”. Será considerado aprovado aquele Estagiário que obtiver parecer “satisfatório” em todas as disciplinas do currículo, podendo ser matriculado no ano seguinte no curso de graduação regular da EN, conforme previsto nas normas internas que trata dos Cursos de Graduação desta IES.

Existe um currículo pré-estabelecido a ser desenvolvido pelos professores para cada uma das disciplinas e que tem, em sua maioria, a prova escrita como metodologia avaliativa. Caso o Estagiário obtenha parecer “não satisfatório”, será convidado, após parecer favorável emitido pelo governo de seu país, a renovar sua matrícula no ano posterior. Existe a possibilidade de a duração do Estágio ser abreviada quando for identificado que o aluno apresenta o domínio dos conhecimentos necessários para o acompanhamento do ciclo escolar.

O Estágio de Nivelamento em 2013 contava com oito Estagiários, distribuídos pelos seguintes países: Líbano – quatro alunos; Namíbia – dois alunos; Nigéria – um aluno; e Senegal – um aluno. Atualmente, a instituição conta com 870 Aspirantes. Deste total, 26 jovens são estrangeiros, com idade média de 20 anos, naturais da Angola, Cabo Verde, Camarões, Honduras, Líbano, Namíbia, Panamá, Peru, São Tomé e Senegal.

DISCUSÃO E CONCLUSÕES

Foram realizadas uma entrevista não estruturada com a professora de matemática e a leitura do relatório de acompanhamento da professora de português. Outra fonte de coleta de dados foi o questionário de Perfil Social, Psicológico e Acadêmico que foi aplicado aos sujeitos da pesquisa.

A docente de português acompanha os alunos estrangeiros desde 2009. Periodicamente, essa professora produz um relatório sobre as suas atividades junto aos estagiários e tece comentários sobre o seu desenvolvimento no que tange ao seu aprendizado. Em seus relatórios, ela refere-se a alguns dos métodos adotados no ensino para estrangeiros: (i) Utilização de aulas dinâmicas; (ii) Utilização de Material Complementar; (iii) Utilização de livro didático “Bem-Vindo!” de Maria H. O. de Ponce. Nesses mesmos meios instrucionais e a partir das próprias informações solicitadas aos alunos, colhe-se material linguístico compatível com o grau de desenvolvimento do grupo para estudo de vocabulário e de estruturas linguísticas, conforme plano de curso previamente estipulado.

A docente foi estimulada, pela Coordenação de Português da instituição, a tecer uma avaliação subjetiva sobre o grupo de alunos estrangeiros recebidos em 2013. Em seu relatório, ela ressalta as seguintes observações: os alunos, de modo geral, demonstram boa educação, disciplina, responsabilidade e disposição para o aprendizado, porém são pessoas reservadas e observadoras; dois alunos apresentaram inicialmente grande dificuldade de apreensão dos mecanismos da língua, mas destacou que o processo de superação é geralmente evidenciado no curso do segundo para o terceiro mês, quando os alunos já entendem a maior parte do que lhes é dito na modalidade formal do idioma

³ Aspirantes – como são conhecidos os alunos da Escola Naval.

e conseguem expressar-se ainda de forma claudicante. Esta dificuldade pode ser explicada pelo fato de estes jovens terem, como segunda língua de seu país, a língua inglesa.

Acrescenta-se ainda que existe falta de conhecimento das estruturas linguísticas por todos os oito alunos (com algumas claras e inevitáveis diferenças individuais), bem como da cumplicidade que se está construindo entre eles, considera-se importante que as aulas de português sejam ministradas para os oito, conjuntamente. Em alguns momentos, dadas as referidas diferenças, as atividades propostas poderão ser mais desenvolvidas com alguns deles, de acordo com os níveis observados.

As dificuldades vivenciadas pela docente de matemática foram referentes ao domínio da nossa língua e à cultura dos alunos. Ademais, para essa professora, por ser mulher, muitas vezes ela se depara com uma barreira cultural, já que, como os alunos descrevem: “*dificilmente os homens seriam ensinados por mulheres*”.

Quanto ao ensino de matemática, inicialmente, buscou-se compreender em que nível, dentro do currículo brasileiro, poderia encaixá-los. Foi preparado um bloco de exercícios com questões dos três anos do nosso ensino médio e, assim, poder construir um programa para o desenvolvimento da disciplina. Como resultados, pode-se verificar uma discrepância no que tange à formação dos alunos, visto que uma parcela estava nivelada no que seria o nosso ensino fundamental e outra já poderia acompanhar o conteúdo programático do primeiro ano acadêmico.

O questionário foi aplicado com o intuito de traçar um breve e objetivo perfil social, psicológico e acadêmico dos alunos estrangeiros, a fim de alinhar estratégias de ação para facilitar a adaptação destes alunos à rotina da Escola, assim como compreender melhor as suas diferenças culturais.

Todos os alunos estrangeiros passaram por algum tipo de processo seletivo em seus países. A maioria cursou o ensino fundamental em escola particular. Já no ensino médio, metade estudou em escola pública e metade em escola privada. De acordo com os respondentes, não há histórico de reprovação ou dependência e a maioria foi alfabetizada com 6 (seis) anos.

Ponto interessante constatado foi que a maioria concluiu há dois ou três anos em seus países o que equivaleria ao nosso ensino médio, fato que poderia acarretar uma necessidade maior de relembrar conteúdos, em especial àqueles que estão previstos no programa do ensino médio brasileiro, em virtude não só do tempo de término dos seus estudos e das diferenças de conteúdos programáticos, mas, principalmente, da preparação para o ensino superior no Brasil.

Foi perguntado em quais disciplinas acadêmicas esperavam ter maior e menor dificuldade. A disciplina de português causava uma maior apreensão, pois todos os integrantes não tinham como idioma oficial de seus países o português. Em relação às disciplinas com menor dificuldade, foi interessante a constatação de que a Física aparece em primeiro lugar perto de Cálculo, o que pode ser afiançado pelos libaneses, que já estavam cursando a Escola Naval de seu país, com cerca de um ano e meio de seu ensino superior. A maior preocupação sentida pelos alunos estrangeiros foi com o início do curso e a necessidade de dominar a língua portuguesa, um pré-requisito para serem matriculados na turma de 1º ano.

Ao final, o estágio se torna importante quando os imigrantes temporários chegam para um curso acadêmico sem a base do idioma numa qualidade desejada, o que poderia prejudicar sobremaneira o seu desempenho como aluno, inclusive acarretando desmotivação e até cancelamento dos seus estudos.

O ensino de língua portuguesa é fundamental ao ano de nivelamento, em especial quando ele é tecnicamente direcionado para facilitar a apresentação de hábitos culturais, nos quais estes jovens ficarão inseridos por mais de cinco anos. Fundamentamos que a capacidade de expressão e compreensão de nossa língua é instrumento de integração. A matemática é a linguagem comum entre os alunos estrangeiros, que diferem quanto a etnias e a conhecimentos linguísticos. Faz-se, porém, necessário compreender, através de nivelamento, as diferenças curriculares entre os países de origem e o que é exigido como pré-requisito para cursar a EN.

Pontuamos que a equipe pedagógica da Instituição estuda a possibilidade de fazer uso das regras de aceite do aluno estrangeiro pelo PEC-G, como a obrigatoriedade de apresentação de certificação de proficiência em português. Esta prática, se adotada, resultaria na diminuição do tempo de nivelamento, fazendo com que o aluno fosse matriculado antes do prazo de um ano no ensino regular, diminuindo também o seu tempo de permanência no Brasil.



O Estágio é uma forma de bem recebê-los, integrando-os e os adaptando à cultura brasileira. É importante reconhecer e valorizar as diversidades cultural e linguística, respeitando a identidade étnica, o sistema de crenças e valores ao qual pertencem. Além de a presença do discente estrangeiro assegurar, no futuro, a prática de estreitamento nas relações diplomáticas e a riqueza da diversidade evidenciada a partir da integração de alunos militares estrangeiros com os brasileiros pode ser ainda grande oportunidade de capitalizar novas aprendizagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Escola Naval (2010). Portaria n. 10/EN, de 24 de fevereiro 2010, cria o Estágio de Qualificação para Adaptação Acadêmica de Alunos Estrangeiros. Rio de Janeiro, Brasil.
- Decreto n. 7.948, de 12 de março de 2013*. Dispõe sobre o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação - PEC-G. Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Decreto/D7948.htm.
- Faria, M. L. de. (2009). Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. *Revista Pro-Posições*, 58(20), Campinas, São Paulo, Brasil, 45-63.
- Gusmão, N. M. M. de. (2010, março). África e Brasil no Mundo Acadêmico. Diálogos cruzados. In A. B. COSTA & A. BARRETO (Coords.) COOPEDU – Livro de Actas “Congresso Portugal e os PALOP: cooperação na área de educação”. Lisboa, PT: CEA/ISCTE-IUL/IPL, pp. 283-299.
- Mungoi, D. M. D. C. J. (2006). O Mito Atlântico: relatando experiências singulares de mobilidade dos estudantes africanos em Porto Alegre no jogo de construção e reconstrução de suas identidades étnicas. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.
- Subuhana, C. (2005). Estudar no Brasil: imigração temporária de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro. (Tesi de Doutorado). Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

